

MILHA 12

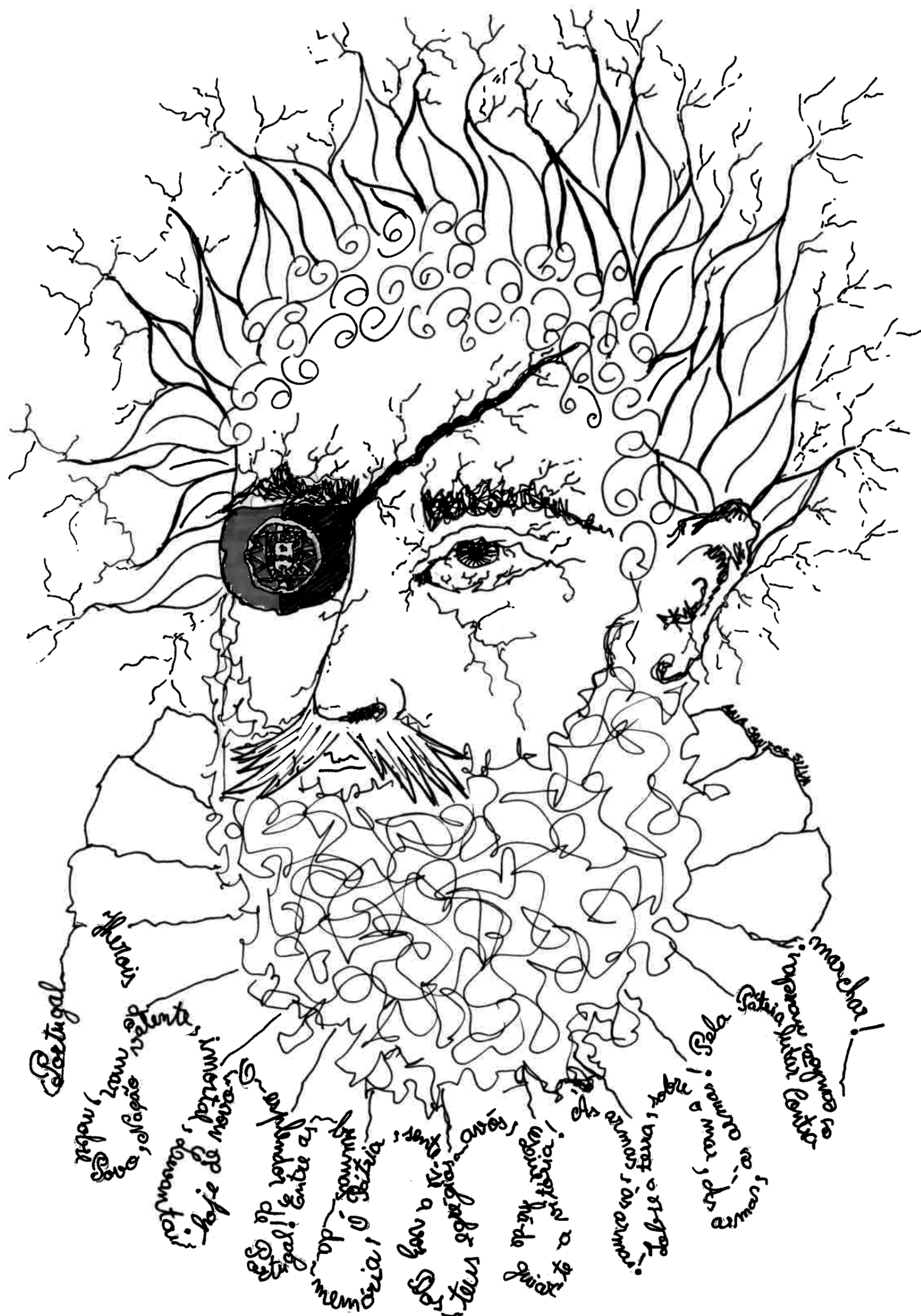
M
12
GAZETA

Número 5
Novembro de 2024

GAZETA COOLTURAL DE GENTE LIVRE

"Longe do ponto de partida e ainda mais longe do ponto de chegada."

Ilustração: Ana Santos Silva



AB INITIO

Lá vem, gaitero, o Milha 12
Que tem muito para contar
Oçam agora senhores leitores
São 5 números sempre a desbravar.

Passaram-se dias e meses
Já não tínhamos o que escrever
Desde o número zero até agora
Nem tampouco a quem o vender.

Mas deitámos contas à vida
Não podíamos fraquejar
E eis que um novo número
Aqui se encontra, pronto, a entregar.

Contamos o nobre ilustre povo
Nem presidentes hão de escapar
O Milha 12 faz 5 números
Dos 500 que se hão de contar.

Serão dias, meses e anos
Sempre atualizados no seu dizer
Haja GPT ou outra inteligência
Desta gazeta não será fácil esquecer.

-Alvíssaras digníssimo capitão
Almirante, soldado, general
Escrevemos no mesmo português
Que Camões escreveu Portugal.

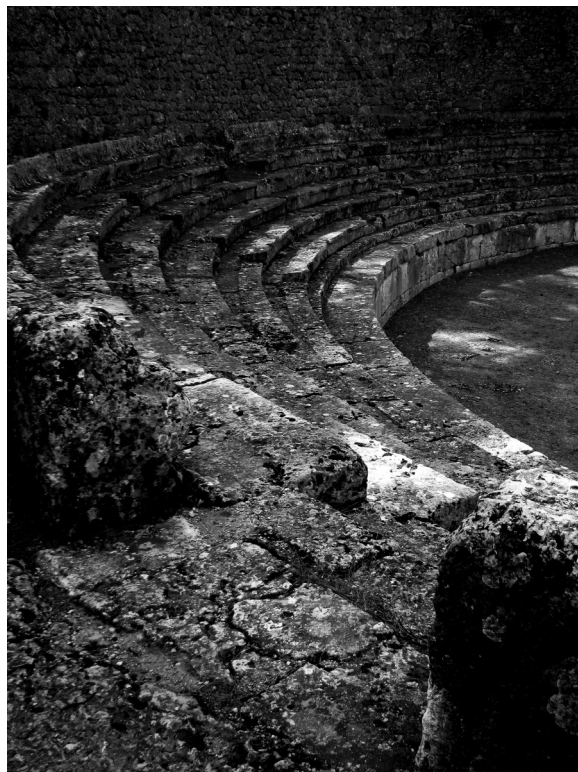
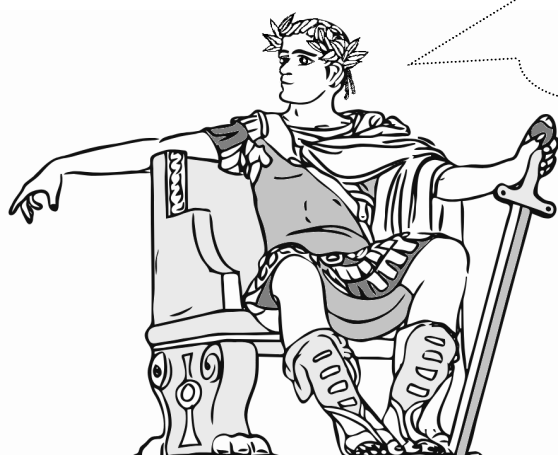
Lá vem o Milha 12
Que ao poeta faz corar
São 5 números de muitas teorias
Para a todos, tentar, chegar.

Porque dia ou noite
Em liberdade, continuaremos a varar.

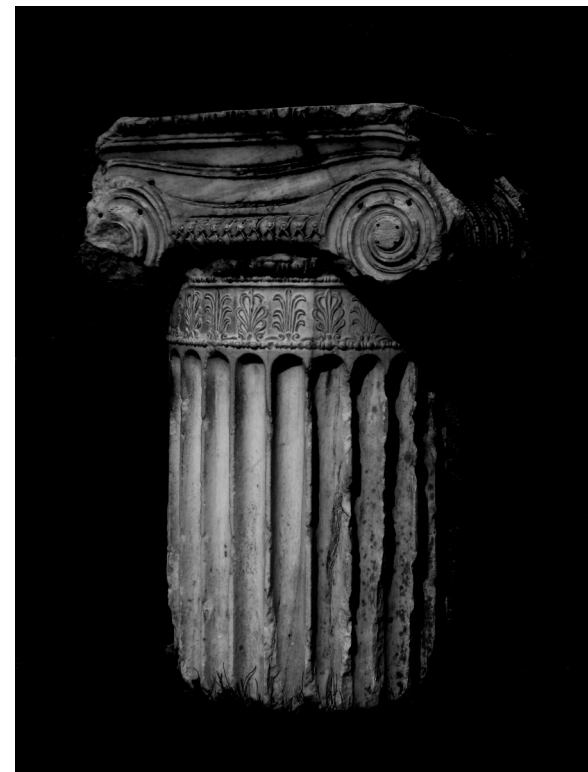
PS: pedimos a Almeida Garrett que fizesse uma
adaptação do seu poema " Nau Catrineta", para
este número do M12

Diretório Coletivo

ENFIM, O MILHA 12 !
ATÉ ONDE CHEGAREI
COM ESTA AMBIÇÃO
DESMEDIDA.



Fotografias: Luís Barbosa



CADA UM

Cada um sabe de si e do caminho que pretende percorrer a pessoa que quer ser
Cada dia cada escolha cada vez que se adormece nos braços de alguém que nos faça esquecer
Cada escolha cada erro cada conta que se faça ao passado não há forma não há volta
Cada um tem de viver com os fantasmas e o sabor amargo da desilusão e da revolta

Cada um faz a soma como sabe um mais um nem sempre é igual a dois, é demais
Cada um tem um limite às vezes menos outras mais mas no fim a conta é sempre igual
Cada um tem a palavra o dom único de ser especial, radical com certeza é o tal
Cada um pensa diferente com as palavras repetidas de um anúncio nacional

Cada um tenta pintar a cor do mar a cor do sol na janela que não dá para lugar nenhum
Cada um tem a sua forma de escapar de fugir dessa realidade morta
Cada um tenta justificar as suas escolhas no conforto que encontra no valor da sua cota
Cada um é só mais um sem saber que é só mais um neste mundo de números um

Luis Barbosa / Nov 2019

FICHA TÉCNICA

Milha 12 - Gazeta Cooltural
Novembro de 2024

DIRETÓRIO COLETIVO
José Brandão de Sousa | Nuno Araújo | Paula
Sousa | Paulo Monteiro

MORADA
Rua António Bernardo 500, 2ª fase, 5º Esq
3720-301 Oliveira de Azeméis

REVISÃO
Paula Sousa

DESIGN E COMPOSIÇÃO GRÁFICA
Paulo Monteiro

COLABORADORES DESTE NÚMERO
Ana Santos Silva | António F. de Pina | A. Grilo
| BAP | Carlos Cunha | Carminda Oliveira |
Fernando Oliveira | Helena Terra | Isabel
Costa | João Rebelo Martins | Luís Barbosa |
Magui Ramalho | Matos Barbosa | Paula
Sousa | Paulo Monteiro | Rosa Melo | Rui
Gomes

IMPRESSÃO
Graficamares, Lda
Rua Parque Industrial Monte de
Rabadas,
No 104720-608 Amares

DEPÓSITO LEGAL
525497/23

TIRAGEM
200 exemplares

PROPRIETÁRIO
Clube Literário de Oliveira de
Azeméis

ESTATUTO EDITORIAL
milhadoze.wixsite.com/milha-
12/estatuto editorial

CONTATO
milhadoze@gmail.com

SITE
milhadoze.wixsite.com/milha-12

ERA ABRIL

Há ventos Aveiro que não esqueço
E que nunca os afirmei pela demora
Num tempo de pressas e atropelos
E quem me dera podê-los ter agora

Pudesse eu abarcar o teu lamento
Contra o peito pelas tardes de Verão
Em teus braços num abraço liquefeito
E morrer pleno de amor nessa ilusão

Tens raízes que ficaram por Coimbra
Onde a esperança foi a ave persistente
Na mais sublime voz de Zeca Afonso
Um teu filho que se foi precocemente

Era tempo de mandar calar os párias
Era o tempo mais tangível de alegria
Era Abril de cravos rubros renascidos
No peito no olhar nas ruas e na Ria

Há ventos Aveiro que não esqueço
Daquela brisa tão suave e esperada
Era Abril e eu quero que te lembres
Do júbilo que nasceu dessa alvorada

António F. de Pina



Foto
Magui Ramalho



**Perdi meu olho, não perdi a visão.
Cantei feitos de homens valorosos
Que engrandeceram a Nação.
Fosse hoje e seriam todos famosos
Por dobrarem mares desconhecidos,
Por serem bravos e destemidos...**

**E tu musa minha que cedo partiste,
Deixando em mim profunda dor
Ficando no mundo só e triste
Escrevendo versos de amor
Que afagam meu coração ardente
Que arde em fogo que não se sente.**

**Aí, se eu pudesse ver-te de novo
Como renasceria minh'alma
Para cantar a este nobre povo...
Agora com serenidade e calma,
Narrando a bravura humana
Desta grande nação Lusitana!**

Helena Terra

Por entre brumas de um tempo
que sem o ser já o era
Na espera
de encontrar o amanhecer
limpo, claro, luminoso
Restavam os sonhos espelhados,
nas águas a navegar
para não se permitir naufragar
na rota, que era a vida
Ali, na barca perdida,
guardam-se sonhos inocentes
Latentes
Vestes de almas desnudas
de todas as mais puras
A acreditar num amanhecer
que um dia há-de nascer

Magui Ramalho



AO RUBRO

Sem nome corpo cara
sufocante transbordante
A ejetar-se pelos poros
Respiro e é ainda maior
Transpiro-o
Inquietante
Desejo o que desconheço
Abafo-o Amarfanho-o
Apago-o Acalcanho-o
Sem sucesso
Ponho-lhe um pano por cima
é tarde
arde arde arde e arde...

Rosa Melo, in "Trago poesia oculta ao deus-dará", 2009

Fotografia: Carlos Cunha / Julho 2024



A propósito de um rio

Desejaria reter na arca das memórias a imagem de um rio que corre para o mar com água límpida, adornado pelos verdes das plantas que o envolvem, pelas flores que o pintam de vivaz colorido.

Da sua dolente correnteza faz espelho. Como que um traço de fusão das dádivas da Natureza.

Como gostaria de registar numa fração de segundo o momento. Irrepetível. O belo.

Desengano-me.

Homens outros vão-se encarregando de desvirtuarem, de adulterarem, a nobre e divina essência da água. Escura.

Escuro, espumoso, segue adiante o rio.

Carlos Cunha / Julho 2024

Lá longe, o 25 DE ABRIL, em Angola (2)

Fernando Oliveira *

A viragem - do último Governador ao Alto-Comissário Rosa Coutinho

Uma alteração decisiva no processo tendente à Independência de Angola, foi a demissão do general Silvino Silvério Marques e a sua substituição em finais de Julho pelo Almirante Rosa Coutinho, primeiro como Presidente de uma Junta Governativa e depois, a partir de Outubro, como Alto-Comissário. Entre Julho e Outubro, sob a direcção do Almirante, foram concluídos acordos de cessação de hostilidades com os três Movimentos, primeiro com a UNITA, depois com a FNLA e finalmente com o MPLA. É frequente ouvirem-se opiniões sobre a parcialidade do Almirante Rosa Coutinho, em favor do MPLA. É certo que ele sentia e tinha uma maior afinidade política, cultural e intelectual com o Movimento de Neto, que era esmagadoramente maioritário na capital. Mas isto não o levava a ter uma atitude de clara hostilização dos outros dois Movimentos. Eu tive a oportunidade de acompanhar de perto este complexo processo, por ter sido requisitado pelo MFA para a equipa do Almirante, mais precisamente para o Gabinete do Secretário da Informação, o Comandante Correia Jesuíno, também instalado no Palácio, como que o centro do vulcão.

A ideia que guardo desses meses de brasa, de Agosto e Dezembro de 74, é a de um Almirante e sua equipa, isolados no Palácio, procurando a todo o custo manter o equilíbrio e paridade de meios entre os três Movimentos, compensando a real fraqueza militar que no momento o MPLA atravessava e a ausência dos abundantes apoios externos de que beneficiavam a FNLA (Zaire, Estados Unidos) e a UNITA (África do Sul, China, Zâmbia, etc). E, ao mesmo tempo, alvo de frequentes manifestações hostis de brancos desesperados (uma vez chegaram a entrar pelo Palácio adentro e o Almirante enfrentou-os corajosamente, subindo para cima duma mesa...) e de diversas conspirações golpistas de forças reaccionárias, a FRA, a ESINA, etc.

Foi por tudo isto que, no Alvor, a FNLA e a UNITA vetaram em absoluto o nome do Almirante para Alto-Comissário, preferindo o de um General da Força Aérea que, até meio do período em que chefiou o Governo de Transição, não fez lá muito boa figura... Fui ao Alvor, com os jornalistas, na equipa do Comandante Jesuíno.

Regressei logo a seguir a Angola, fui desmobilizado e, de imediato, como angolano que sempre fui e continuarei a ser, passei a servir, durante todo o período do Governo qudripartido de Transição, como director de Gabinete do Ministro da Informação, até à data gloriosa (para os dois Povos) do 11 de Novembro, que tive o inesquecível privilégio de acompanhar tudo, por dentro, desde a despedida da partida dos últimos militares na base naval da Ilha de Luanda, a cerimónia da proclamação da Independência no início da Estrada de Catete, até, já depois da meia-noite, a chegada e recepção do Presidente Neto ao até ali Palácio dos Governadores Gerais, em cuja varanda ele assomou e saudou o povo que ali se concentrara no início da nova madrugada da Dipanda.

*Professor jubilado da Faculdade de Direito da UAN, Luanda; antigo aluno do Colégio de Oliveira de Azeméis (1962-1965)



sentir a queda

Hoje é muito comum afirmar que as crianças enfrentam menos riscos físicos e que muitas já não brincam na rua. A falta de atividades ao ar livre pode estar a comprometer um desenvolvimento saudável pelo excesso de protecionismo e de supervisão dos adultos alertados para os perigos e os riscos sociais. Este controlo pode ter impactos negativos no desenvolvimento das crianças tornando-as excessivamente dependentes, condicionadas nas suas habilidades sociais e com menor contato com a natureza. Desde pequeno, fui exposto a todos os riscos inimagináveis para estes pais superprotetores. Talvez por isso, e com as marcas no corpo das travessuras de criança, penso que muitos adultos escolhem a comodidade do lugar seguro em vez da aventura, do risco e da queda.

E por que não, sentir a queda?

Quando um corpo está em movimento instável, torcido, é provável que haja uma libertação de adrenalina. A sensação de perigo e do risco propicia um efeito físico e psíquico estabilizador e desconcertante. A torção do corpo pode estimular a sensação de rotação e acrescentar uma dimensão adicional. A queda, pelo treinamento, pode envolver algum tipo de controle ou manipulação do balanço, como nas atividades radicais: o paraquedismo, *bungee jumping* ou saltos de *base jump*, por exemplo. Nesses casos, é possível que haja uma sensação de liberdade misturada com uma consciência constante do risco e de forte emoção. Cada pessoa pode interpretar e descrever essa sensação de forma diferente, pois as experiências e as representações são subjetivas.

A segurança é fundamental em qualquer atividade que envolva queda e é imperativo seguir sempre as orientações e os procedimentos para minimizar os riscos. Além disso, é sempre aconselhável contar com o apoio de profissionais experientes bem como utilizar o equipamento de segurança adequado. Assim, é possível desfrutar dessas experiências emocionantes com um nível adequado de proteção e minimizar os riscos.

Paulo Monteiro

**PRECISO DE UM
PASSATEMPO
HEDONISTA.**

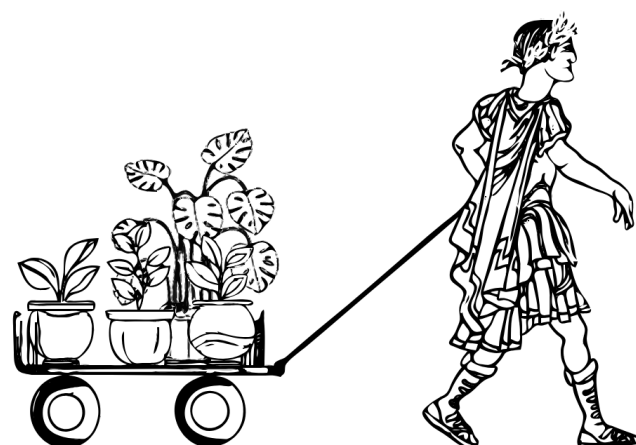
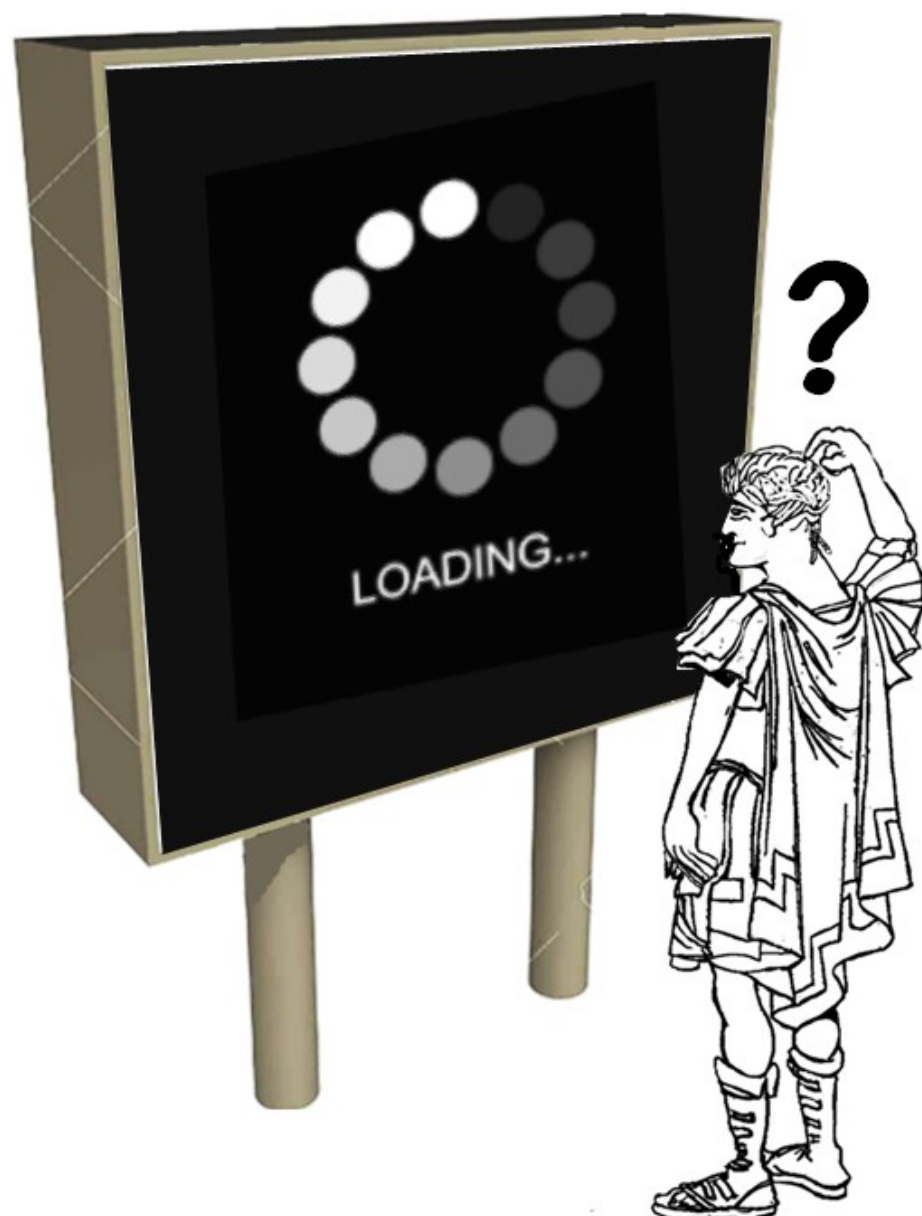


Ilustração PM



#TEmAdeconversa

Português que é Português gosta de um bom tema de conversa: da política ao futebol, dos incêndios às inundações, dos globos às cusquices, tudo é passível de tema de conversa.

OAz, não é exceção. Há temas de conversa que durante todo o verão e do seu tempo de existência, continuam a darem motivos para serem conversados. E, acreditem, falam-se deles meses a fio: seja porque o outdoor no novo Caraças só é visível à noite e por quem vai fazer o seu passeio higiénico, ou porque em pleno Agosto, esse mesmo outdoor luminoso fica estoicamente ligado vinte e quatro horas ininterruptamente, anunciando o encerramento dos seus serviços e instalações.

Parece que, em OAz, ninguém compreende o porquê desse encerramento, numa altura em que [suposta e alegadamente] se deve apostar na cultura.

Eu cá, nem quero saber de nada disso. Fico contente por termos um diretor artístico que também o é, num concelho vizinho.

O que a mim me deixa exaurida é ver aquele monstro luminoso continuamente a gastar eletricidade, sabendo que o município é tão proativo na sustentabilidade energética e financeira.

Se há #TEmAdeconversa em OAz, este não pode ser um deles...

#feriasparatodos

#chateiemocamoes

#loadingAgendaematualizacao

#azemeisecultura

PS: o autor deste texto escusa-se a todas as ironias que dele possam ser passíveis de TEmA de conversas, nas esplanadas deste mundo.

O M12 quis saber o significado de TEmA junto do autor, que remetendo-se à ironia indicou dois possíveis significados:

TEmA= Tem- se Esperado muito Amistosamente;

TEmA = Trago Em mim Acríticos

E dito isto, foi.

O amor gasto

Caminhamos sós
cada qual no seu passeio
tão distantes de nós
E na nossa solidão
há um luar no meio
tão antes do calar da voz
tão antes do beijo escasso
um choro um brado
de quem um dia caminhou
ao mesmo passo lado a lado

Isabel Costa

QUADRAS / REFLEXÕES

Nada sabemos de nada,
Vivemos a querer saber
Na vida desperdiçada
À procura do viver

É hora de viver o presente
Porque passado é mesmo passado.
Há que viver feliz e contente
Mesmo que o fardo seja pesado.

Se sentes aquele vazio
Que o tempo não quer preencher,
Nesse vazio, assim tão frio
Há uma faúlha a acender.

Entre sonhos e memórias
Fazes por viver contente.
Com derrotas ou vitórias
Sonhos te empurram p'rá frente!...

Carmina Oliveira

O HOMEM QUE ANDAVA ÀS ARRECUAS

A. Grilo



No dia em que fez quarenta anos, acordou. Levantou-se. Pousou os pés nus no tapete. Com o dedo grande tateou o chão à procura dos chinelos. Estavam debaixo da cama. Calçou-os e ficou de costas para a casa de banho. Deu meia-dúzia de passos atrás, entrou pela porta às arrecuas e sentou-se na sanita.

Fixe! pensou. Não precisei de me voltar. Isto de andar para trás, às arrecuas, até pode ser porreiro. E começou, logo, a exercitar a coisa. Andou pelo corredor e entrou na cozinha. Preparou o pequeno-almoço e, às arrecuas, entrou na sala para comer. Fixe! pensou outra vez. Gosto!

Durante alguns dias foi praticando em casa. Não se atrevia a andar na rua às arrecuas. Entretanto, foi ficando pro. Na segunda-feira seguinte, arriscou. Saiu à rua. Caminhou devagar, pela aresta dos olhos ia pilotando a marcha. À esquerda e à direita. Sempre para trás, sempre às arrecuas. Foi ao café, ao supermercado, ao médico. Este sugeriu uma consulta de psiquiatria. Que não, que não estava maluco.

Viu na Internet que caminhar para trás, até, tem várias vantagens: apura os sentidos, é benéfico para o equilíbrio, faz maravilhas pela flexibilidade e força. Além disso, evita interrupções na rua pelos gajos que se cruzam connosco e começam logo:

- Eh pá! Há quanto tempo não te via! Nem sabes o que me aconteceu...

E desatam a desfiar um rosário a que só um terminante “Desculpa, mas já estou atrasado para o dentista” consegue pôr termo.

Agora, quando o vêem e o reconhecem já vai longe. Sempre a andar.

Resolveu melhorar o estilo. Passou horas a ver vídeos e tutoriais do Michael Jackson para exercitar o “Moon walking”. Era vê-lo a andar pelas ruas a trautear “Billie Jean is not my lover” enquanto raspava a sola dos sapatos no empedrado. Que categoria! Xpetáculo! - citou.

Naquele dia foi ao quiosque comprar o jornal. Comprou o Correio da Manhã. Sabe-se lá porquê. Pagou. Atravessou a estrada, como sempre, às arrecuas.

Foi atropelado por um automóvel ... que vinha em marcha-atrás!



Fotografias: A. Grilo



A greve dos urinóis

Paulo Monteiro

Era um futuro distópico onde o mundo estava fragmentado por lutas minoritárias. O que começou como simples reivindicações por igualdade de gênero havia evoluído para batalhas ferrenhas que atravessavam cada aspeto da sociedade. As guerras culturais transbordavam das salas de reuniões para as ruas, para as escolas e, finalmente, para os lugares mais íntimos: os WC públicos.

No coração dessa nova revolta, surgiu algo inesperado — uma greve de urinóis. Durante séculos, os urinóis foram vistos como símbolo de privilégio masculino, representando uma vantagem para os homens que nem sequer percebiam possuir: a facilidade de urinar de pé, sem a necessidade de compartimentos fechados ou longas filas. Para muitos, parecia um detalhe insignificante, mas para as vozes cada vez mais organizadas dos movimentos minoritários, era um reflexo do poder patriarcal enraizado na própria infraestrutura das cidades.

Os primeiros sinais da revolta vieram de uma cidade futurista, conhecida por ser o epicentro das disputas sobre gênero. Um dia comum, os homens depararam-se com algo estranho ao entrar nos sanitários públicos: os urinóis estavam cobertos com grandes faixas vermelhas com avisos que diziam "Indisponível por tempo indeterminado – pela igualdade de gênero".

Os urinóis haviam se rebelado.

O movimento foi liderado por uma aliança inesperada. Não eram apenas os ativistas da igualdade de gênero; as próprias instalações, alimentadas por inteligência artificial, passaram a recusar-se a servir um gênero enquanto outros ainda sofressem com longas filas e falta de acessibilidade. Ninguém conseguia explicar o como, ou o porquê, de os urinóis “pararam” de funcionar, mas logo ficou claro que algo muito maior estava em curso. Era como se as estruturas físicas da cidade também sentissem a injustiça social.

A greve ganhou rapidamente força. Em questão de dias, cidades inteiras enfrentavam uma onda de interrupções. Parques, estádios, centros comerciais, todos os locais onde urinóis existiam estavam agora em silêncio. Os homens reclamavam, confusos e desconfortáveis. Os WC femininos, que tradicionalmente tinham menos recursos e mais filas, tornaram-se um local de resistência, onde ativistas organizavam encontros e debates, usando o caos para chamar atenção para as demandas de igualdade.

O cerne da luta era claro: as diferenças nas instalações de WC públicos refletiam um privilégio masculino que era aceite sem questionamento. A facilidade e rapidez dos urinóis eram um luxo invisível, enquanto mulheres, pessoas trans e não binárias enfrentavam constrangimento, longas esperas e a falta de opções inclusivas.

O Governo tentou resolver a questão rapidamente, com propostas de reforma dos sanitários públicos, criando espaços de gênero neutro e redistribuindo as instalações para atender a todos de forma equitativa. Mas a greve dos urinóis recusavam-se a ceder, insistindo que as mudanças não eram suficientes. Precisavam de mais do que casas de banho neutras: queriam uma revisão completa de como o espaço público era organizado em função do gênero.

Enquanto isso, a falta de acesso aos urinóis tornou-se um símbolo maior do colapso da sociedade fraturada. Pessoas começaram a sentir na pele, literalmente, a urgência da questão. A revolta não era apenas sobre quem poderia usar qual casa de banho, mas sobre o fim do privilégio invisível que moldava todos os aspetos da vida pública. A greve não era só dos urinóis, mas de um sistema que por muito tempo negligenciara o clamor por igualdade real.

Dias viraram semanas. Protestos eclodiam em frente a câmaras municipais e grandes corporações. Homens eram vistos a correr desesperados para as casas de banho, agora unicamente lotadas, a enfrentar pela primeira vez a realidade de longas filas. Grupos de ativistas organizaram-se para transformar essa experiência numa lição: “Agora sentem o que sentimos. Agora entendem a espera”.

Eram tempos de revolução. Não apenas tecnológica ou social, mas uma revolução que exigia a reinvenção de espaços, de infraestruturas, e da forma como a humanidade deveria conviver. Não se tratava apenas de casas de banho ou urinóis, mas de justiça. O simples ato de urinar havia se tornado num campo de batalha, numa metáfora para uma sociedade que, mesmo nos detalhes mais banais, ainda não sabia o que era ser verdadeiramente igual.

E assim, o mundo foi forçado a enfrentar a verdade que sempre esteve diante deles, mas que só uma greve de urinóis conseguiu fazer com que todos notassem.

“Fino como o Alho!”

João Rebelo Martins

A nomeação de António Costa para Presidente do Conselho Europeu vem no seguimento quer da sua acção governativa como um negociador nato – foi ele que rasgou a lei não escrita e criou pela primeira vez a Geringonça sendo, com isso, acarinhado pela esquerda europeia anti-Merkel -, quer da nossa tradição diplomática que, na Era Moderna e pós ditadura, teve figuras tão importantes como Freitas do Amaral como Presidente da Assembleia Geral da ONU, Durão Barroso como Presidente da Comissão Europeia e António Guterres que lidera, actualmente e num período extremamente conturbado, as Nações Unidas.

Quando olhamos para Portugal e a sua história, conseguimos perceber claramente que fomos pioneiros na globalização: desde as primeiras feitorias da Flandres aos Descobrimentos, que possibilitaram trocas comerciais entre a Europa, África, Ásia e América.

Esta história, única no mundo, coloca-nos, como nação, desde muito cedo, como um importante conselheiro e decisor na diplomacia mundial. Ainda há dias, numa visita à China, foi-me referido isso mesmo: Portugal é uma nação pequena, com um PIB que aparece ao nível europeu ou mundial na segunda parte da tabela, mas que consegue estar, há muito, nos lugares cimeiros de decisão política mundial.

Pedro Hispano, Afonso Martins Alho, D. João II ou o Marquês de Pombal, são apenas alguns exemplos de quem, pelos ideais, objetivos e ação, marcaram a Idade Média e a transição para a Idade da Luz. Puseram e dispuseram importantes peças no xadrez mundial. Um xadrez mais simples do que o de hoje, é certo, mas igualmente poderoso.

Ser líder do Conselho Europeu é reunir consensos entre os vários ministros dos países da União, no que toca à aprovação ou alteração de legislação, indicar linhas estratégicas e de operação. Ou seja, é um lugar onde Costa poderá estar com algum à-vontade, porque não implica um fervor executor ou reformista, porque nunca foi essa a sua natureza.

Sobre Costa desceu a espada da justiça que, sem justificação factual conhecida, o fez demitir-se de Primeiro Ministro, levar o país a eleições, abrindo a porta do poder ao PSD de Montenegro. Mas a ambição da Europa já lá estava.

Chegar a Presidente do Conselho Europeu foi uma justa consequência após toda a catadupa de acontecimentos que envolveu o Ministério Público ou era algo que já estava escrito?! Não sei.

Sei que não é tão poderoso como D. João II, nem será tão sagaz como D. Sebastião José, mas é “fino como o Alho”!





Ilustração PM

Quem pode no mundo ser tão quieto...

Rui Gomes

Interrogo-me amiúde se seria Luís o mesmo quem eu pensava e imaginava que tinha sido. Luís e os seus avessos, com os seus erros, vícios e restos de alento, o mais conceituado poeta da terra não corria o risco de algum dia, celebrando o passado, ser esquecido. Devasso, debochado, cheio de amantes, para quem tirava a capa nos bordéis e nas tabernas d'aquém e d'além mar; mas, acima de tudo, de empurrão em empurrão, herói sem labéu, cavaleiro andante por terras de África – com um olho perdido em Marrocos e a miséria desesperada e indigente em Moçambique - ; ou do Oriente, onde os seus conterrâneos pareciam apreciar viver em desconcerto, *desordenada e viciosamente*. Maravilhada, com os seus olhos imensos, muito escuros, o que esperou dele a doce e serena Bárbara, a escrava de pele escura amada, a cativa que o cativou? Camões, com todos os seus erros e desilusões, as suas prisões, fadigas, mágoas, misérias, os seus desterrados... Com tanto apuro de privações, acontece que o nosso admirável poeta, entre os erros e a fortuna que sobejavam, também queria ser feliz: ... *que para mim bastava o amor somente*. Entre tantos versos fascinantes e inesquecíveis, um certo dia menos belicoso, de boa fé, confidenciou quanto se contentava com tão pouco.

Imagino-o assombrado com intrigas e ingratidões, no meio de difamadores e de delatores, evitando pensamentos mórbidos, pecados veniais, algumas parvoíces, súplicas bem-intencionadas, piedosas e compassivas... E escapadelas, fugas precipitadas, em cima da linha, à censura e à Inquisição... Com a sua teimosia e conversa fácil, como qualquer herói – Jasão, Hércules, Aquiles...- Luís tinha cometido tantas façanhas, vivera tantos acontecimentos extraordinários e desvairados; e escrevia tão bem, com tanta fineza e mestria! Soube sempre que era uma personagem de romance – idealizava-o, no promontório, diante do gigante Adamastor, como Ulisses diante de Polifemo; ou, na *Ilha dos Amores*, avistando Vénus inesperadamente, mas com tanta paixão... - e admirava-o de longe, no meio dos seus poemas, com alguma fé nas minhas certezas e convicções. Admirava-o, olhando-o de viés, sem conseguir inventar legendas rigorosas do herói, dos seus vasos comunicantes. Dei-me conta de que era uma niquice o que sabia de Luís, das malquerenças, das discórdias ou da mesquinhez da maledicência, da morte cega, da fortuna injusta e invejosa... Um dia, imaginei-o a nascer, de rompante, com os pés para a frente. Para se proteger? Para perder o medo, escapar, evitar o cativeiro?

Assim como assim, quando eu era mais novo, num banco da escola, anotara que Luís tinha nascido em Coimbra, lá para os idos de 1524. Por esse tempo, não me arrependia de perder tempo e noitadas, com falta de energia, é certo, pelos becos e ruelas dos palácios confusos. A intenção era singular, para Luís completar a tríade e, no berço, ficar próximo de Miranda e de Pessanha. Entre os dois, no meio deles, Luís era o epígono, representando todas as gerações, as que passaram e as que estavam para vir. Não podendo resumir a sua vida muito à pressa, dos três era o que mais suspeitava que o seu reino não era deste mundo. Como Dante, a descer ao inferno. O rei ainda lhe pagou a primeira edição d' *Os Lusíadas*, em 1572. Ficaram as lembranças das *obras valerosas* dos nossos antepassados lusos. E algumas das mais belas histórias de amor. Parece que, entretanto, Deus dele se esqueceu. A crua realidade não o deixava sossegado. Apesar dos desejos de fé ardente, Luís tornou-se mais pesaroso e taciturno nos últimos anos. Tinham sido tantos anos a apurar e a afinar a língua, a nossa, em milhares e milhares de versos de rara finura e primor. Por Lisboa, onde foi livre – *Ah que não há terra no mundo como Lisboa...* – e se diz que quase morreu de fome. Sussurrando, sibilino e inflexível: *só pera fazer versos deleitosos servimos...*



Marcos Barbosa

Foge-me, pouco a pouco, a curta vida
Se por acaso é verdade que inda vivo
Vai-se-me o breve tempo de ante os olhos
Choro pelo passado ; e, enquanto falo,
Se me passam os dias passo a passo.
Vai-se-me, enfim, a idade e fica a pena.
- Camões